



**MARCAS DA ORALIDADE NA ESCRITA:
um estudo reflexivo das produções textuais dos alunos da 5ª. Série, da Escola Estadual
Edeli Mantovani¹**

Joseane Nascimento Lima da Silva*

RESUMO

Falar e escrever são processos diferentes que exigem condições de produção específicas para a efetivação do processo, uma vez que, geralmente, não escrevemos da maneira como falamos e vice-versa. Portanto, o presente trabalho tenta estudar a influência da oralidade na escrita e os fatores que contribuem para essa relação que o aluno faz fala com o texto produzido. A pesquisa foi realizada na Escola Estadual Edeli Mantovani, localizada no bairro São Paulo, no município de Sinop/MT, com os alunos da 5ª série do período diurno do Ensino Fundamental nas aulas Língua Portuguesa, no ano de 2009. A coleta de dados foi através dos questionários para os alunos/professora, e redações feitas pelos alunos. Neste artigo, abordaremos somente as marcas de oralidade encontradas nas redações dos alunos. Julgamos que este trabalho permite uma reflexão acerca da importância e da necessidade do estudo da oralidade junto ao estudo da escrita na sala de aula, tendo em vista contribuir para os estudos sobre o desenvolvimento cognitivo e crítico do educando.

Palavras-chave: Letras. Pesquisa. Escrita. Ensino. Oralidade.

1 INTRODUÇÃO

A escrita e oralidade são modalidades essenciais para a comunicação humana, elas possibilitam que o homem expresse e registre seus sentimentos, ideias e conceitos. Contudo, são duas instâncias diferentes da linguagem que por sua vez apresentam características

¹ Artigo elaborado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Letras, do *campus* Universitário de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) em 2009, sob a orientação da professora Ma. Josete Mori.

* Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela UNEMAT em 2010. cursando a Especialização Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa pelo Curso de Letras da UNEMAT / Sinop (2011/2012).

próprias. Foi pensando na relação existente entre a oralidade e a escrita que nos propusemos a pesquisar e refletir sobre o tema, de forma a contribuir para o ensino da língua, a fim de termos escolas que exerçam com competência seu papel de agentes transformadores, que saibam identificar e trabalhar com as diferenças, procurando minimizar as dificuldades do aluno, buscando soluções plausíveis para uma educação quantitativa.

O presente trabalho propõe além de dialogar com alguns teóricos da linguística sobre o tema, apresentar algumas marcas nas produções escritas de alunos, na tentativa de observar e entender as marcas da oralidade na escrita.

Comprendemos que a oralidade e a escrita são modalidades diferentes as quais o ser humano utiliza para se comunicar e interagir, mas que na produção textual possuem relação, pois muitos alunos desde as séries iniciais apresentam dificuldades ao produzirem textos, fazem relação das modalidades mencionadas e trazem para o seu texto algumas marcas de sua fala.

Haja vista, que no contexto escolar, a escrita exige a norma culta padrão da língua portuguesa, ao fazer uso da língua oral na própria escrita, o aluno pode confundir-se. Essa pesquisa foi desenvolvida com alguns alunos da 5ª série, na disciplina de Língua Portuguesa, da Escola Estadual de Educação Básica Edeli Mantovani, localizada na Rua Carlos Eduardo, Quadra 17, nº.740, Bairro Jardim São Paulo I, nesta cidade Sinop/MT no ano de 2009.

2 LINGUAGEM

A linguagem é uma forma de ação interindividual que traz como finalidade um processo de interlocução que é realizado nas diversas práticas sociais, onde nós seres humanos assim como os animais, insetos etc, elaboramos para partilhar a vida com os demais. Através da linguagem o homem constrói sua vida social, cultural e política. Exprime suas necessidades, sejam elas emocionais ou sociais, expressa, compartilha e absorve conhecimentos e experiências.

Assim sendo, entendemos que a linguagem é de suma importância para a vida do ser humano, pois através dela acontece a comunicação, seja ela verbal, corporal ou não verbal. De acordo com os PCN (2001, p.25), “Produzir linguagem significa produzir discursos. Significa dizer alguma coisa para alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico”.

Ou seja, ela faz parte das necessidades básicas do ser humano, estando inserida na fala, na escrita e na leitura. No ensino da Língua Portuguesa as dimensões verbais, corporais e

não verbais são práticas muito ligadas, porém apresentam realidades diferentes, dessa forma cada uma dessas modalidades possuem sua própria relevância.

A linguagem existe porque se uniu um pensamento a uma forma de expressão, um significado a um significante, como dizem os linguistas. Essa unidade dupla face é o signo linguístico. Ele está presente na fala, na escrita e na leitura como princípio da própria linguagem, mas se atualiza em cada um desses casos de maneira diferente. Essa procura das relações entre significado e significante é em outras palavras saber como uma língua funciona e quais os usos que tem (CAGLIARI, 1993, p. 30).

Desde o início dos tempos o homem tenta comunicar-se com os seus semelhantes, embora a forma como o faça tenha vindo a variar ao longo dos séculos. A linguagem, definida como a produção e entendimento da fala evoluiu em paralelo com a evolução da espécie humana. Como uma forma de comunicação, a fala poderia ser comparada com a comunicação entre os outros animais, mas a linguagem humana tem o componente da interpretação e criatividade que marca a sua diferença.

Antes do surgimento da escrita o homem manifestava vários sinais de expressão para se comunicar dentre eles: gestos, sinais de fumaça, ruídos. Após o surgimento da escrita, é que se teve um grande avanço para humanidade. Hoje, sabe-se que a linguagem oral e a escrita convivem na sociedade e na cultura, ao lado de outras linguagens não verbais que se juntam ao processo de interlocução das mensagens.

A escrita, por exemplo, é uma atividade com a qual o homem de tão envolvido que é nem se dá conta de como é possível alguém viver sem ler e escrever. Segundo Cagliari (1993, p.10), “A invenção da escrita foi o momento mais importante da humanidade, pois somente através dos registros, o saber acumulado pôde ser controlado pelos indivíduos”. Por outro lado, é pesaroso constatar que, muitas vezes, o ensino da língua nas escolas tem se preocupado mais com a aparência da escrita do que com o significado real dela.

3 A IMPORTÂNCIA DA ORALIDADE E DA ESCRITA

Compreendemos que a oralidade e a escrita são de suma importância para sociedade e de certo modo as duas estão ligadas, porém, nota-se que cada uma tem a sua função e sua importância. Sabemos que a escrita surgiu após a oralidade e que ao lermos um texto, fazemos usos da oralidade. Segundo Silva (2001, p 28) “[...] Do mesmo modo, a oralidade nunca pode eliminar-se por completo: ao lermos um texto o “oralizamos”. Tanto a oralidade como o surgimento da escrita a partir da oralidade é necessário para a evolução da consciência”. No

entanto, o ideal é que o ser humano saiba intimamente o valor que as duas possuem tanto oral quanto a escrita e além de tudo saber dominá-las para assim utilizar na sua necessidade.

Segundo os PCNs (2001, p.15) “O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento.”.

Pierre Lévy (1996) aponta que a palavra oral, antes das primeiras tentativas de se gravar uma informação, era usada pelos antigos como elemento de gestão da memória social, visto que toda experiência, toda descoberta, todo o acervo cultural desses povos se encontravam na memória dos indivíduos.

De acordo com Marcuschi (2003), a fala é uma atividade muito mais central do que a escrita no dia-a-dia da maioria das pessoas. Contudo, as instituições escolares dão à fala atenção quase inversa à sua centralidade na relação com a escrita. Neste caso não se trata de uma contradição, mas de uma postura. O autor se refere sobre a diferença de abordagem de textos orais e escritos em sala de aula que vem sendo muito questionada ultimamente, devido ao professor ainda continuar sem saber o que fazer para trabalhar a oralidade nas aulas.

Vimos que quando se trata de fala para a escrita, exige de certa forma, ‘atenção’, pois a língua portuguesa compõe-se de duas modalidades; o português escrito e o português falado e nesse aspecto distingue-se pelas formas, gramática e recursos expressivos, cada uma possui sua função, importâncias e características próprias. Desse modo pode-se afirmar que se fala de um jeito e escreve-se de outro. De acordo com Cagliari (1993, p.31):

Uma criança que escreve *disi* não está cometendo um erro de distração, mas transportando para o domínio da escrita algo que reflete sua percepção da fala. Isto é, a criança escreveu a palavra não segundo sua forma ortográfica, mas segundo o modo como ela pronuncia. Em outras palavras, fez uma transcrição fonética. Por outro lado, uma criança que leia a palavra *disse* dizendo duas sílabas de duração igual está transportando para a fala algo que a escrita ortográfica insinua (ou que faz lembrar a fala artificial da professora...). Se o aluno passar pela escola fazendo esse jogo de pular da fala para a escrita sem saber o que pertence a fala e o que pertence a escrita e por que as coisas são como são, ele terá dificuldade imensas em seguir seus estudos de português, por que o absurdo está presente a todo momento.

E nesse sentido, a visão dicotômica de quem fala errado, escreve errado é considerada inadmissível, logo que existe a modalidade ‘oral’ e a ‘escrita’, e essas duas modalidades possuem os mesmos níveis de igualdade. Saconi (2001, p.20) “Nenhuma, porém, se sobrepõe a outra em importância nas escolas, principalmente, costuma se ensinar a língua falada com base na língua escrita, considerada superior”. Haja vista que a oralidade e a escrita pertencem a modalidades diferentes, embora muitos façam essa relação, escrevem da mesma forma que

fala. Todavia pode-se dizer que a questão não é falar certo, ou errado, mas saber qual forma de falar em determinadas situações. Contudo vale ressaltar que o papel da escola é de extremo valor para o ensino/ aprendizagem, na qual não se ensina a fala ou falar ‘correto’, mas as falas adequadas no determinado contexto de uso.

Sabemos que a tendência da criança é escrever exatamente como fala, cabe ao professor procurar mostrar a ela que a escrita representa a fala, mas que ambas possuem características próprias. As regras da linguagem oral não são as mesmas da linguagem escrita. Essas características devem ser observadas e trabalhadas na escola, haja vista que as crianças trazem experiências da linguagem oral e precisam descobrir que ao escrever, deverão atender outras características.

4 PESQUISA EMPÍRICA

Apresentaremos as ‘marcas de oralidade’ que coletamos das redações feitas pelos alunos da 5ª série, período diurno do Ensino Fundamental, nas aulas de Língua Portuguesa.

Dos vinte dois textos produzidos, escolhemos apenas seis para estudarmos as marcas da oralidade na escrita. A escolha foi reduzida para que melhor pudéssemos analisá-los e devido à repetição das marcas nos demais textos.

Para elaboração desses textos, fomos à escola observar durante dois dias o processo metodológico das aulas de produção textual.

4.1 ANÁLISE DOS TEXTOS DOS ALUNOS

Estudando as marcas de oralidade dos textos observados percebemos que grande parte deles possui sequência quanto à estrutura Introdução, Desenvolvimento e Conclusão. Verificamos também que a maioria dos textos analisados possui coerência. ‘Certo dia um homem estava viajando de avião, e derrepente o avião cail bem no meio de uma ilha imensa’(1ª linha). Vimos que o autor do texto tem conhecimento de como inicia e termina uma ação/fato, contudo, apresenta dificuldade em diferenciar a fala da escrita. Por exemplo, ‘derrepente’ (de repente) [texto 01], cail (caiu) (texto 01), entre outros. Tendo em vista estas marcas de oralidade, os alunos demonstraram que a maneira falada em casa, é a que prevalece na escrita, embora o mesmo possua um bom desenvolvimento/conhecimento para elaborar uma história.

Constatamos que muitos textos apresentam ‘erros’ ortográficos, de acentuação, concordância. Como a proposta desse trabalho é estudar somente as marcas da oralidade, esses elementos citados não influenciam tanto para a análise.

Abordaremos algumas marcas pertinentes a análise, devido ao limite de laudas que o artigo exige.

a) Troca de vogais por consoantes ou vice-versa

Troca da vogal ‘u’ pela consoante ‘l’ em ‘cail’ (caiu) (texto 01); ‘percebel’ (percebeu) (texto 01); ‘começol’ (começou) (texto 01); ‘pegol’ (pegou) (texto 01); ‘esticol’ (esticou) (texto 01); ‘acontecel’ (aconteceu); ‘tacol’ (tacou) (texto 02); ‘pulol’ (pulou) (texto 02); ‘encontrol’ (encontrou) (texto 02).

Troca da consoante ‘l’ por ‘u’ em ‘resouveu’ (resolveu) (texto 03); E ao mesmo tempo troca da consoante ‘m’ por ‘i’ em ‘auguei’ (alguém). (texto 04).

Nessas situações acima os alunos trocam a vogal ‘u’ pela consoante ‘l’ ou vice-versa porque em alguns casos a pronúncia destas letras é semelhante. E, no último caso, ocorre marca de nasalização, e o que é frequente na escrita do aluno é a transcrição fonética.

b) Repetições de palavras nas frases

Repetição da palavra ‘daí’ - (texto 01).

Percebe-se nessa marca de oralidade, a necessidade que o aluno tem de usar a palavra ‘daí’, representando mudança/sequência/acréscimo de ideias ou fatos no texto. Quer dizer, na norma culta da língua (escrita), teríamos marcadores linguísticos (conjunções, por exemplo), que poderiam substituir essa marca oral. Trata-se, de acordo com Marcuschi (2003) de um marcador conversacional.

Averigua-se que nessas marcas de oralidade abaixo relacionadas, a presença da vogal quase não é notada quanto à fonética:

c) Acréscimo de vogais

Acréscimo da vogal ‘i’ em ‘nois’ (nós) (texto 02); ‘feiz’ (fez) (texto 03); Troca da vogal ‘i’ por ‘e’ em ingraçado (engraçado) (texto 02).

Cagliari (1993, p.138-9) afirma que “O erro mais comum dos alunos é caracterizado por uma transcrição fonética da própria fala... Duas vogais em vez de uma, por usar na sua pronúncia um ditongo”.

Percebemos em vários textos recolhidos a troca de uma letra por outra, isso acontece geralmente pela influência da fala na escrita. Dentre os textos analisados podemos apontar os seguintes casos:

d) Troca de consoantes

Troca das consoantes ‘qu’ por ‘Ca’ em ‘camdo’ (quando) (texto 03); Troca da consoante ‘n’ por ‘m’ em ‘emtão’ (então), ‘lanpada’ (lâmpada), ‘uma’ (uma) (texto 03); Troca de ‘x’ por ‘c’ em ‘prócimo’ (próximo) (texto 06); Troca da consoante ‘g’ por ‘j’ em ‘abagu’ (abajur) (texto 03).

Em relação a isso, Bagno (1999, p.126), salienta que “[...] É importante notar que os ‘erros’ de ortografia são constantes: troca de J por G, de S por Z, de CH por X e assim por diante – justamente por serem casos em que é necessário fazer uma análise da relação fala-escrita que ultrapassa os limites teóricos da suposta equivalência som-letra”.

Sabemos que há pessoas que quando falam não flexionam a consoante [r], sendo assim, ao escreverem não a utilizam. Vimos diante dos textos analisados, que foram poucos casos em relação à consoante. Houve outras marcas semelhantes, porém com vogais.

e) Ausência/omissão das vogais e supressão de consoantes

Ausência/omissão da vogal ‘u’ em ‘acho’ (achou) (texto 01); ‘chego’ (chegou). No caso do ‘r’ que há supressão da consoante final ‘r’ em ‘mora’ (morar) (texto 04); ‘dormi’ (dormir) (texto 04).

Cagliari (1993, p.65) relata para este caso que, “Alguns alunos deixam de assinalar a letra r de certas palavras porque segundo suas pronúncias não ocorre nenhum som que eles reconheçam como pertencendo à categoria do r. Por exemplo, há alunos que escrevem acha (em vez de achar).”

f) Omissão das consoantes

Omissão das consoantes ‘ES’ em ‘tava’ (estava) (texto 05).

Aqui se observa coloquialismo, aliás, talvez a marca ou a prova mais clara ou concreta de uso da oralidade na escrita, de escrever exatamente da mesma forma que fala.

g) Troca de vogais

Troca da vogal ‘o’ por ‘u’ em ‘cumer’ (comer) (texto 05); ‘pulicia’ (polícia) (texto 05).

Percebe-se também característica da linguagem coloquial, da mesma forma que na anterior. Cagliari afirma que a criança “[...] escreve um u em vez de o, pois fala [u] e não [o] [...]” (1993, p.139).

h) Supressão da consoante S de plural

Supressão de ‘s’ de plural em ‘Todos os ganço’, ‘virou as costa’ (texto 05).

O aluno omite a consoante s em consequência da fala. O caso de concordância é um fator em que muitas pessoas acabam não utilizando, independente muitas vezes de já ter concluído os estudos, pois na fala dessas pessoas quase não se percebe se está concordando ou não, contudo ao escreverem muitas vezes fazem essa relação de fala para escrita às vezes sem se dá conta, logo falam assim.

Nos casos abaixo, o transcritor é levado pelo que interpreta a partir da experiência de sua língua, assim:

i) Troca de consoantes por outras consoantes

Troca da consoante ‘v’ por ‘f’ em ‘serfiço’ (serviço) (texto 06);

Troca de ‘c’ por ‘g’ em ‘estracavam’ (estragavam) (texto 06);

Troca do ‘p’ por ‘b’ e ‘f’ por ‘v’ ausência da consoante n em ‘pricafa’ (brincava); ‘fou’ (vou) (texto 06);

Troca de ‘c’ por ‘g’ em ‘costou’ (gostou) (texto 06);

Troca da consoante ‘r’ por ‘l’ em ‘ela’ (era) (texto 03).

Cagliari (1993, p.63) ressalta que:

A distinção entre consoantes surdas e sonoras depende ainda do dialeto que a criança fala, pois a palavra para um aluno pode conter um [p], um [t] ou um [s], dependendo das variações dialetais. Isso torna também difícil aprender a ortografia

das palavras. É sempre interessante (necessário mesmo, diria) ouvir as crianças falando para se poder entender melhor o que elas escrevem

Constata-se que as marcas da oralidade oferecem particularmente explicações diversificadas. Escrever bem resulta de uma técnica elaborada, preferivelmente adquirida por todos.

Em resumo, as marcas de oralidade mais recorrentes nos textos escritos analisados foram repetições de palavras muito próximas, os marcadores conversacionais e, principalmente, a escrita próxima da transcrição fonética. Nessas situações fica claro, que os alunos ainda não assimilaram a diferença entre uma situação e outra, cabendo ao professor desenvolver atividades que configurem características de escrita e de fala.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo da fala na escrita, tendo por base suas respectivas diferenças e divergências, procuramos compreender os fatores que podem influenciar da fala para escrita dos alunos pesquisados.

Observamos através dos materiais coletados a presença de marcas de oralidade na escrita, ou seja, alunos que descrevem da maneira que falam. Dentre esses casos e mediante o campo escolhido, vimos que muitos alunos são provenientes de famílias humildes, cujos pais são pouco instruídos ou não possuem nenhuma ou mínima escolaridade, de certa forma isso também pode influenciar para que o aluno faça essa relação de fala e escrita.

Em vista de alguns autores estudados e o resultado dos dados, percebemos que o que pode ser uma das dificuldades desses alunos é não saberem distinguir a linguagem falada em casa, da utilizada nos livros, na escola, ou seja, o fato de não saberem onde, quando e qual linguagem utilizar. Muitas vezes, homogeneízam e fazem o uso inadequado da linguagem oral na linguagem escrita.

Averiguamos que o fato dos alunos terem pouco conhecimento das regras gramaticais ou pouco domínio da norma culta da língua é o que também pode influenciar para as marcas de sua fala na escrita, pois compreende-se que cada indivíduo, possui sua maneira de falar que é passada muitas vezes, de pai para filho, e ao entrar na escola ele já possui essa ‘linguagem’, contudo é obrigado aprender e por em prática na norma culta.

Pode-se dizer que esta pesquisa foi gratificante, ao depararmos durante as observações com alunos que tinham prazer em produzir textos, contudo relacionavam a fala com a escrita. E que durante a escolha e análise dos textos, ficamos em dúvida na escolha de alguns textos,

pois eram histórias interessantes e marcas ‘engraçadas’. Vale ressaltar que foi interessante a passagem do processo de análise em relação ao fim.

Esta pesquisa teve como finalidade o estudo de algumas marcas da oralidade na escrita, mas sabemos que existem muitas outras marcas que podem ser utilizadas para estudos posteriores e cabe a nós responsáveis pela área da educação, melhorar os meios para que esse ‘problema’ não continue, muitas vezes, sendo elemento negativo na vida escolar do aluno, devemos aprender a ensiná-los que um ou outro não está errado apenas empregado de forma equivocada para aquele contexto.

**MARKS OF ORALITY IN WRITING:
a reflective study of the textual productions of the students of the 5th. Series,
the State School Edeli Mantovani**

ABSTRACT²

Speaking and writing are different processes that require specific production for the realization of process, since we usually do not write the same way as we speak and vice versa. Therefore, this study aims trying to study the influence of orality in writing and factors that contribute to this relationship that the student does of his speech with the text produced. The research was held at the State School Edeli Mantovani, located in São Paulo neighborhood in Sinop / MT, with 5th grade students from morning classes at Elementary School of Portuguese Language classes . The gathering of data was through questionnaires for students and teacher, and essays written by students. We will cover only the marks of orality found in students' essays. We believe that this work provides a reflection on importance and necessity of the study or orality with the study of writing in the classroom viewing to contribute to studies on the cognitive and critical development of the student.

Keywords: Languages. Research. Writing. Teaching. Orality.

REFERÊNCIAS

² Transcrição realizada pela aluna Joseane Nascimento Lima da Silva e revisão pela aluna Gisely Noeli Vanderlinde Bezen, do Curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Edição Loyola, 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & linguística.** 6. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

FÁVERO, Leonor Lopes, **Oralidade e escrita perspectiva para o ensino de língua materna.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

PRETI, Dino, **Fala e escrita.** 2 ed. São Paulo: Humanitas Publicações, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: Atividades de Retextualização.** São Paulo: Cortez, 2003.

SACCONI, L. A . **Nossa Gramática: teoria e prática.** São Paulo. Atual Editora, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** São Paulo: Cultrix, 1998.

SILVA, Denise Elena Garcia da. **A repetição em narrativas de adolescentes: do oral ao escrito.** Brasília: Editora Universidade de Brasília: Plano Editora, 2001.